

O Cerco em Argel

12 | Fevereiro | 2011

Bernardo Pires de Lima

[Estudos Regionais - Médio Oriente](#)
[Estudos Regionais - África](#)

[Diário de Notícias](#), 12|Fevereiro|2011

O Presidente Bouteflika prometeu há um mês "reformas" para acalmar a rua argelina que sofre por osmose as angústias regionais. Comprometeu-se com o fim do estado de emergência, a melhorar a cobertura televisiva à oposição e em permitir manifestações, desde que ordeiras e fora de Argel. Até agora, salvo alguns momentos quentes, a temperatura estabilizou. Basta ver como a manifestação marcada para hoje não tem a carga dramática das que acompanhámos em Tunes e no Cairo. Provavelmente, há razões para a contenção.

Existe pânico nos argelinos de um regresso à guerra sangrenta que os desgraçou nos anos 90. A implantação islamista e a reacção militar colocou o país no "mercado da jihad", logo aproveitado por veteranos argelinos da guerra no Afeganistão e que chegaram a ser o segundo maior contingente estrangeiro a operar nessa "guerra santa". A Al-Qaeda no Magrebe continua real e tanto perturba Bouteflika e os militares como todos os que se manifestam em Argel. Isto pode jogar a favor do statu quo.

O regime tem, por outro lado, instrumentos que permitem responder a curto prazo ao pacote reivindicativo. Quem está nas ruas é estudante, advogado, sindicalista, jornalista, médico. O que os afecta são os aumentos dos bens mais básicos, os salários baixos e a ausência de alternância e de representatividade políticas. Para um país rico em gás e petróleo, a subida do preço do crude reforça-lhe os cofres públicos e dá-lhe margem para diminuir a carga fiscal e estabilizar o custo de vida. E isso pode ser suficiente para acalmar os ânimos.

Estas condicionantes não desvalorizam as aspirações democráticas, mas podem reduzir o seu impacto imediato. Talvez devêssemos olhar para as Forças Armadas e ver se cavalgarão a onda anti-Bouteflika, ao ponto de disputarem internamente a sua posição. Há sinais que apontam para aí.